

Revista da

FACED

Universidade Federal da Bahia



8

ISSN 1516-2907

**FERRETTI, Celso João e
SILVA JÚNIOR, João dos Reis.**
*O institucional, a organização e a cultura
da escola.* Prefácio de Newton Duarte.
São Paulo: Xamã, 2004.

Em julho de 2004, a FAGED/UFBA, por intermédio do Grupo de Pesquisa “Ensino Médio, Trabalho e Educação Profissional” e da Rede Cooperativa de Pesquisa e Intervenção sobre (In)Formação, Currículo e Trabalho (REDPECT), trouxe o Professor Celso Ferretti para fazer parte de um Ciclo de Pesquisas e Palestras sobre Trabalho e Educação. Neste evento, o Professor Ferretti nos proporcionou uma elucidativa síntese do estado da arte, não só relativo às pesquisas sobre a linha temática Trabalho e Educação, como um quadro geral da educação básica no Brasil, tendo como pano de fundo as recentes reformas, pontuando sua fala a partir dos tópicos que viriam a ser publicados em um próximo livro.

Eis que agora temos em mãos o esperado volume, no qual aquele rigoroso pensador da educação, acompanhado por João dos Reis Silva Júnior, nos oferece importante referencial teórico para analisarmos as mudanças pelas quais vem passando a escola no País. Para tanto, os autores preocuparam-se em situar o institucional e suas articulações com a escola, partindo da noção de institucional, de organização e de cultura como uma das expressões de nosso tradicional patrimonialismo, atualizado pela modernização burocrática e pela flexibilização pós-anos 90, considerando, todavia, que as reformas, embora propostas no âmbito do Estado, realizam-se concretamente em instituições historicamente constituídas, ou seja, no cotidiano das escolas.

Tal idéia remete-nos a temas presentes na Sociologia da Educação, de que a escola não é simples agência de reprodução social dado que, cada unidade escolar ao tempo em que incorpora valores e normas instituídos, institui, ela mesma, sua própria forma de ser, de se organizar, de construir seus códigos, suas referências e seus costumes, analisando, negando ou incorporando de forma dinâmica e em articulação permanente com a sociedade na qual está inscrita.

Vera Lúcia Bueno Fartes

Professora Adjunta da Faculdade de
Educação da UFBA
verafartes@uol.com.br

Os autores partem do princípio de que a cultura da escola vem sendo tratada como empreendimento pautado pela lógica da mercantilização e dos valores do mundo dos negócios, deixando de lado os princípios da emancipação. Para se opor a esta tendência, que chega às escolas num processo quase inexorável, oriundo das políticas do Banco Mundial, os autores, diferentemente dos teóricos reprodutivistas, lançam mão de elementos tais como a categoria *prática escolar*, para isso apoiados no pensamento de György Lukács, particularmente em sua obra *Por uma ontologia do ser social*, de onde extraem referências para uma detalhada reflexão, como a que se pode ler na p. 84:

Se nos ativermos somente a entender a reprodução social como reprodução das relações de dominação, jamais poderemos ver alguma possibilidade de o ser social orientar as práticas contraditórias em relação à formação na direção do para-si e não do em-si alienado.

Esta idéia central, subjacente a todo o texto, traz implícita a noção de que as promessas das vias neoliberais e neoconservadoras subtraem a verdade muito mais do que a revelam e, no caso da prática escolar, o abandono do conhecimento como prática social aliada à História, em favor do neopragmatismo e do cognitivismo, podem levar à perda de um dos objetivos primordiais do espaço escolar - a socialização do conhecimento produzido pela humanidade; este conhecimento, por sua vez, se traduzido numa práxis teórica sem relação orgânica com a objetividade social, em nada poderá mudar o processo histórico.

Diante disso, o que estaria acontecendo hoje na escola, frente, por um lado, às imposições do Estado como expressão dos interesses de grupos de poder e por outro, frente às implicações do proposto por tais grupos, na cotidianidade da escola? Como se apropriam destas proposições os que atuam na escola? Que papel é, de fato, atribuído à educação no contexto das reformas?

Para responder a estas inquietantes questões, os autores abordam, na primeira parte do livro, as principais características da conjuntura internacional dos últimos 30 anos, com destaque para os governos FHC e Lula, e as implicações para as atuais reformas institucionais e o rebatimento destas nas pesquisas acadêmicas, notadamente nas áreas de Trabalho e Educação e Políticas Educacionais que, na opinião dos autores, ora justificam e subsidiam as

mudanças, ora procuram um entendimento mediante crítica não-funcionalista em face de um processo de inclusão social que visa obter, por meio de reformas, a mesma estrutura e racionalidade sociais de sempre.

O segundo momento – o mais denso da obra e na qual os autores demonstram a seriedade e vigor acadêmicos que os tornaram conhecidos no campo da Educação, além de sólido conhecimento teórico e fina capacidade analítica -, é dedicado à discussão das relações entre o institucional, a organização e a cultura da escola, fundamentando-se nas categorias *prática social*, de Na terceira parte, Ferretti e Silva Júnior, Lukács e *cotidianidade*, de Agnes Heller, bem como no pensamento de Beltrán Llavador e de San Martín Alonso, como possibilidades de entendimento da prática escolar.

Escudados em um profundo conhecimento das especificidades educacionais e escolares, tanto por suas trajetórias como professores, quanto por suas experiências como pesquisadores, Ferretti e Silva Júnior trazem-nos, na terceira parte do texto, importantes perspectivas de autores por eles denominados “ ‘intérpretes’ do Brasil” que, a partir de múltiplas abordagens da história de nossa educação, percorrem o universo escolar, suas especificidades e sua cultura, ao logo de diferentes temporalidades, para inferirem, junto à vasta literatura neste capítulo resumida, aliada às bases extraídas do pensamento de Lukács no capítulo anterior, “o horizonte de possibilidades” posto às instituições escolares, na forma de potência mediante as reformas, no momento de sua apropriação.

Embora pessimistas na razão, quando concluem que as reformas educacionais a que temos assistido, não fazem mais do que reforçar um tipo de mudança “que se contrapõe à elevação da condição humana”, expressam otimismo da vontade, quando buscam, apoiados no pensamento lukácsiano,

... o resgate do humano, da teoria e de prática referenciadas na realidade contraditória, por meio da potência que se encontra em cada prática humana e, para nós, educadores, a potência contida na prática escolar. (p. 145)

Ao término da leitura desta importante obra de apenas 156 páginas, percebe-se o diferencial para com tantas e variadas publicações, principalmente “manuais” – explícitos ou não -, produ-

zidos seja no aparato público da gestão educacional, seja no âmbito da própria academia. Por isso mesmo ficamos, todos aqueles que sentimos necessidade de ver a educação brasileira e suas políticas serem tratadas de modo sério e conseqüente, à espera de mais contribuições como esta do nível que Ferretti e Silva Júnior nos oferecem. É o que desejamos para o trato de questões que envolvem nada menos do que a formação humana, por meio da “prática escolar”, em busca da emancipação.

Leitura obrigatória para estudiosos e gestores da área educacional em qualquer âmbito ou linha de atuação.